

APRESENTAÇÃO GERAL

“Escrever a História das Mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas [...]. As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio do mar abissal” (PERROT, 2012, p.16).

É com esta importante citação, proferida pela historiadora francesa, Michelle Perrot, que apresentamos, com grande satisfação e alegria, o dossiê “História das Mulheres e suas Fronteiras”, organizado por Losandro Antonio Tedeschi e Ángeles Castaño Madronãl.

Falar em Histórias das Mulheres é se atentar ao fato de que, durante muito tempo, elas, as mulheres, estiveram restritas às discussões do âmbito da vida privada e do lar. Envoltas às representações que, erroneamente, as reduziam a pessoas frágeis, puras e maternais, elas foram, por muito tempo, e, aliás, ainda hoje muitas continuam sendo esquecidas, enquanto integrantes do tecido histórico e social, portador de uma narrativa androcêntrica, centrada na figura do sujeito masculino como o sujeito universal da História.

A partir da década de 1960, com a ascensão da Primeira Onda do Movimento Feminista, começou-se a trazer para o centro das discussões os estudos de gênero, momento onde o termo “História das mulheres” passou a ganhar mais de notoriedade. Louise Tilly (1994), de forma brilhante, vem complementar a proposta de Marc Bloch sobre a definição do que seria a ciência histórica: de “uma ciência dos homens no tempo” para/por uma “ciência das mulheres no tempo” (p.30), ou seja, uma História que buscasse contemplar as mulheres em suas pluralidades, longe de quaisquer determinismos e equivocadas generalizações.

Assim, no primeiro artigo do referido dossiê, Everton Vieira Barbosa, em “A Impressão de Ideais e Ideias de uma Argentina em um Periódico Brasileiro Feminino em Meados do Oitocentos”, descreve a figura de Joanna Paula Manso de Noronha (1819-1875) e seu exílio no Brasil durante o governo ditatorial argentino de Juan

Manuel de Rosas (1793-1877), destacando, especialmente o papel da mulher na sociedade carioca.

Sandra de Cássia Araújo Pelegrini e João Paulo P. Rodrigues, em “A Figura da Virgem Maria Sob a Ótica das Cartas Dogmáticas e Representações Culturais”, problematizam a transformação da figura da Imaculada a partir dos documentos e das cartas dogmáticas, bem como das representações iconográficas e iconológicas da Virgem.

Leandro da Silva Lunz, em “Mulheres e História: da Invisibilidade a Sujeito de Análise”, salienta a importância de se debater sobre o papel das mulheres na História e no contexto historiográfico, ambos marcados por construções masculinas, que, por vezes, invisibilizaram e silenciaram as vozes femininas.

Fernanda Reis, em “História das Mulheres na Arte: Autorretrato como Escrita de Si”, problematiza o processo de silenciamento e ocultamento das mulheres na história e nas artes plásticas e os mecanismos de resistência e ressignificação do ser mulher através da produção de autorretratos.

Aline Saes Rodrigues, em “Historiografia de Gênero e a Antiguidade: Mulheres nos Tribunais Atenienses do Século IV a.C.”, busca abordar, através dos discursos proferidos em tribunais, um universo feminino ateniense para além da mera propagação de ideais. Para isso, a autora recorre a três discursos de mulheres em diferentes posições sociais, como as cortesãs, as escravas, as libertas e as esposas.

Vivian da Veiga Silva, em “Minha História Não é Minha História. Ela é a História de uma Geração – A Trajetória de uma Militante dos Movimentos Sociais”, destaca o papel de importantes movimentos sociais ocorridos no Brasil a partir da década de 1960, mediante os relatos de militância de Ana Maria Gomes, socióloga, docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, integrante do denominado Grupo de Osasco e de movimentos de resistência à ditadura militar e reconhecida pela sua expressiva atuação no movimento de mulheres.

Bruno C. Bio Augusto e Oseias de Oliveira, em “A Posse de Terras no Oeste Colonial: Setecentista: Sesmarias e Mulheres em Mato Grosso”, objetivam compreender o cotidiano rural da Capitânia de Mato Grosso, ao longo do século XVIII, a partir da ocupação de terras. Para tanto, os autores se utilizam do Requerimento de Teodora Paes de Faria para o Governador João Albuquerque de Melo Pereira e

Cáceres, de 1791, visando compreender as táticas de controle das terras pelas mulheres mineiras.

Fabiano de Souza Coelho, em “As Matronas da Igreja de Roma na Antiguidade Tardia”, discorre sobre o movimento ascético nos cristanismos e as relações de gênero existentes nessas tendências religiosas da Antiguidade tardia, bem como as características e as formas de ascese cristã, a renúncia sexual e as mulheres na Igreja de Roma em finais do século IV E.C.

Israel Aquino, em “Índias, Pretas e Donas na Mesma Trama: Interdependência e Hierarquia Social no Brasil Colonial (VIAMÃO, 1747-1759)”, busca analisar a formação de redes relacionais e a forma de compadrio utilizada por mulheres como estratégia de atuação e reprodução social na freguesia de Viamão, durante o período colonial.

Bruno César Pereira e Ana Maria Rufino Gillie, em “Romances Urbanos: A Representação da Mulher Brasileira do Século XIX, a Partir de uma Análise das Obras Memórias de Um Sargento de Milícias (1854) e Senhora (1875)”, buscam analisar a representação da/s mulher/es mediante a leitura e análise das obras Senhora, de José de Alencar (1829-1877), e Memórias de um sargento de milícias (1854), de Manuel Antônio de Almeida (1831-1861).

Paulo Alexandre Xavier Marques, em “Vida e Morte de uma Mulher Pobre: Agentes Transformadores do Espaço Urbano?”, demonstra, mediante o trabalho com a história oral, a trajetória síncrona da vida de uma comunidade pobre de Recife e sua líder. Para tanto, o autor faz uma análise das transformações sociourbanas decorrentes da intervenção urbanística sofrida pela comunidade em 2010, das quais resultam inferências sobre a formação do espaço urbano da cidade e de suas relações com os pobres.

Já na seção de Artigos Livres, Reynaldo José Loio Alves traz o artigo “Vírus Zika na História das Doenças: Da Malformação na Gestação às Políticas Públicas no Campo da Saúde Reprodutiva da Mulher”. Ana Maria Nogueira Rezende e Maria Luiza Almeida Cunha de Castro apresentam o artigo “Estrada de Rodagem São Paulo-Belo Horizonte: Fluxos que Constroem em “A Volta do Marido Pródigo” de Guimarães Rosa”. Valéria de Freitas Cordeiro e Maria de Lourdes Pinheiro trazem “História e Cultura Afro-Brasileira em Livros Didáticos do Ensino Fundamental Após a Lei 10.639/2003”. Adriana Fraga Vieira apresenta “Escafandristas do “Eu”: Perspectivas

Teóricas Sobre os Usos da Biografia como Fonte”. Patrícia dos Santos Lieuthier Freitas e Geraldo Magella de Menezes Neto apresentam “O Conflito Entre os “Fanáticos” e a “Polícia Heróica”: Memória de Canudos nos Jornais e em Versos de Cordel no Pará (1897-1940)”. Andréia Aparecida Piccoli traz “Algumas Considerações Sobre o Poder Judicial e Criminalização na Vila do Rio Grande de São Pedro (1790C.-1810C.)”. Encerrando esta seção, Cristina Iuskow traz “Laços Incertos nas Relações Políticas Entre Brasil e Portugal na Década de 1960”.

Por fim, Felipe Alexandre Silva de Souza Correio apresenta a resenha da obra “How the West Came to Rule: The Geopolitical Origins of Capitalism”, de Alexander Anievas e Karem Nisancioglu, e Jorge Tibilletti de Lara, a resenha da obra “Busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o Retrato Antropológico Brasileiro (1905-1935)”, de Sebastião Wanderlei de Souza. Já na Seção Especial em comemoração aos 10 anos da Revista História em Reflexão, Leandro Baller e Thiago Leandro Vieira Cavalcante trazem como tema de seus escritos “10 Anos da Revista Eletrônica História em Reflexão (2007-2017): Análise Crítica da Trajetória de um Periódico Científico da/na Fronteira”.

Finalmente, convidamos à comunidade científica a navegar por este importante e instigante dossiê, assim denominado de “História das Mulheres e suas Fronteiras”. Esperamos que os artigos que compõem esta edição auxiliem a você, leitora e leitor, ao entendimento e à problematização do que Judith Butler já anunciara sobre as mulheres, ao afirmar que: “[...] aquilo que define uma mulher, certamente, não é tudo o que ela é” (BUTLER, 2013, p. 54).

Boa leitura!

Dra. Luciana Codognoto da Silva
Professora Adjunta da UFMS/CPNA